

Álvaro Lúcio: colecionar de minerais

O professor doutor Álvaro Lucio, 93 anos, nascido em São Joaquim (Santa Catarina), há muitos anos radicado em Belo Horizonte, é um dos principais colecionadores de minerais do país. Formou-se em engenharia civil, de minas e metalurgia pela Escola de Minas de Ouro Preto em 1949. Teve o seu doutorado iniciado nos Estados Unidos e concluído na Universidade Federal de Minas Gerais. Desempenhou seu trabalho no magistério de metalurgia extrativa na UFMG, e também como consultor técnico de várias empresas do setor. É autor de diversos trabalhos, alguns publicados em revistas especializadas estrangeiras. Tem recebido diversas homenagens pela sua contribuição ao desenvolvimento da metalurgia e pela introdução da físico-química metalúrgica no Brasil. A físico-química metalúrgica é a disciplina que fornece as bases teóricas da metalurgia extrativa. É um entusiasta estudioso e apaixonado colecionador de minerais.

Conheça mais sobre ele na entrevista abaixo.



Como a história de sua vida se encontra com os minerais?

Eu nasci em São Joaquim, no alto da Serra Catarinense, uma região privilegiada pela natureza. Quando criança gostava de catar e guardar pedras, drusas de quartzo e ametista que ocorrem na Serra Catarinense. Como a cidade era pequena, saí cedo de lá para estudar. Aos sete anos fui morar em Florianópolis, com meus pais, mas sempre voltava nas férias, ficando na casa de meus avós. Continuei catando pedras para desespero de minha família que não tinha onde guardá-las. A vocação para as ciências da terra nasceu ali. Até hoje, na minha coleção, tenho exemplares da

época. E era muita vontade de estudar. Gastava dias e dias, a cavalo e de trem para chegar a Ouro Preto. Era época da segunda guerra mundial, os trens atrasavam demais. Vim sozinho, deixei a família muito cedo para poder estudar. Logo após minha formatura fui trabalhar na Magnesita S.A. uma empresa que explorava e continua explorando até hoje, uma importante jazida de magnesita em Brumado- Bahia. Atualmente, em poucas horas se faz o percurso Montes Claros - Brumado por rodovia asfaltada. Em 1949, quando fui pela primeira vez para Brumado, fui de trem até Montes Claros, prosseguindo a viagem de jipe, gastando entre Montes Claros e Brumado cinco dias, atravessando a caatinga do Sertão Baiano. O jipe estava lotado de alimentos e água mineral, pois na época a região era escassamente habitada. Fiquei seis anos em Brumado e vim para Belo Horizonte, onde lecionei na UFMG até me aposentar.

Quais são as principais lembranças de Ouro Preto?

Ouro Preto era muito diferente de hoje com os morros não habitados, e uma cidade muito mais bonita. Foi tão marcante para mim a permanência em Ouro Preto, e gosto tanto de lá que, anualmente vou a Ouro Preto pelo menos uma vez. Na época havia uma tradição muito bonita: as amostras de minerais que os alunos conseguiam eram levadas para o Museu de Mineralogia da Escola de Minas. Eu continuei procurando minerais nas minas da região, mas quando encontrava ficavam na Escola de Minas. Uma das principais lembranças de Ouro Preto é amizade que reinava entre todos os alunos da Escola de Minas, cujo número na época não passava de 120. Éramos como irmãos.

Qual o exemplar de sua coleção mais significativo para o senhor?

Um quartzo, mineral comum, mas um exemplar bonito, grande e pesado, que tive carregar na garupa, a cavalo, por 25 quilômetros. Encontrei-o no interior da Bahia, logo após minha chegada em Brumado. A jazida de magnesita em Brumado é muito rica em espécies minerais. Foi lá que o hobby explodiu. Existem duas jazidas muito importantes, das quais tenho praticamente todos os minerais encontrados: a mina de magnesita em Brumado, e a mina de ouro de Morro Velho, município de Nova Lima, MG. Sou o colecionador que possui toda a paragenese desses dois importantes locais. Paragenese é o conjunto de minerais que ocorrem em uma determinada jazida.

O que significa colecionar minerais para o senhor hoje?

Colecionar é um hobby muito agradável. Primeiro pelo lado científico, pois muitas vezes a gente tem dificuldade de classificar um mineral, devendo apelar para laboratórios com recursos tecnológicos sofisticados. Em segundo lugar o valor estético. Não precisa entender de minerais para se encantar com a beleza deles. E deve-se considerar ainda o fator econômico: o valor deles aumenta a cada ano, é um investimento, tal como acontece com uma obra de arte clássica. O tempo dedicado à coleção afasta o tédio característico de aposentados. É preciso tempo para registrar no computador informações importantes, tais como a presença eventual de outros minerais associados, procedência, fornecedor, época em que foi encontrado etc. Além disso me relaciono com colecionadores de todo o mundo. Infelizmente, aqui no Brasil, riquíssimo em espécies minerais, somos poucos colecionadores. Ao contrário de muitos países onde existem numerosos clubes de colecionadores de minerais.

Qual a importância de Minas Gerais neste cenário?

Para se ter uma ideia da importância de Minas Gerais como fonte de minerais de coleção, o Museu de História Natural de Nova York, no setor de mineralogia, tem na sua entrada um grande e belo cristal de topázio proveniente da região de Teófilo Otoni. Toda a região Nordeste do estado de Minas Gerais, os municípios de Diamantina, Ouro Preto e outros são muito ricas em espécies minerais. Colecionadores de todo o mundo visitam esses locais à procura de minerais de coleção. No meu caso a coleção é de minerais brasileiros. Fiz várias excursões, muitas vezes sozinho, já passei alguns apertos, como ficar preso por causa da queda de uma barreira. Mas em compensação, muitas situações foram agradáveis tais como o encontro com garimpeiros, sempre prontos para ajudar. Conversava muito com os garimpeiros para saber a história dos grandes "bamburros" encontrados. "Bamburro" no jargão dos garimpeiros é o achado de cavidades, no interior das rochas, grandes ou pequenas, contendo as cobiçadas gemas e minerais.

Minas lidera o movimento de colecionadores?

O estado de Minas Gerais é talvez o único estado brasileiro visitado por colecionadores de outros países à procura de minerais de coleção. Na conversa com os garimpeiros entendi porque Minas Gerais é a principal fonte de minerais de coleção no País. Houve uma época no século XIX em que imigrantes alemães, com tradição gemológica, e imigrantes árabes, principalmente libaneses, se estabeleceram na região de Teófilo Otoni. Os imigrantes alemães, muito trabalhadores e observadores notaram a presença de água marinha nas escavações realizadas para a construção de cercas. Associação perfeita dos ativos imigrantes alemães com a tradicional habilidade comercial dos imigrantes árabes. Era a época do fumo de rolo que chegava na região em latas. Eles enchiam essas latas de pedras, iam de trem até o porto baiano de Caravelas, e enviavam as pedras de navio para a Alemanha, onde a riqueza de Minas era divulgada com propriedade. Foi assim que iniciou a fama do estado de Minas Gerais como fonte de minerais de coleção. Talvez eu seja o único colecionador que sabe dessa história.

Qual sua visão de futuro?

A facilidade de encontrar gemas em solo decomposto, de fácil exploração usando apenas ferramentas como pá, picareta e carrinho de mão, atividade exercida por toda a família acabou. Atualmente é preciso explorar a rocha original, o que demanda perfuratrizes e explosivos. É muito difícil falar sobre o potencial, mas imagino que seja grande. A CODEMIG (Companhia de Desenvolvimento de Minas Gerais) tem como um dos objetivos analisar o potencial de minerais e gemas no estado. É preciso pesquisa geológica de vulto. Aposto muito na região leste de Minas Gerais.

Eu gosto de dizer aos que me dão a honra de visitar minha coleção de minerais: Nós devemos nossa existência aos minerais. Os primeiros hominídeos, há mais de um milhão de anos, tinham que concorrer com os grandes predadores para sobreviver. E competiam com eles porque aprenderam a aproveitar a fratura conchoidal do quartzo como arma e ferramenta de corte. E o quartzo é a matéria prima do silício, que por sua vez é a matéria prima do chip. Já imaginaram a vida de hoje sem chip?